



Tear Online é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

A HERMENÊUTICA SIMBÓLICA DE PAUL RICOEUR E A SUA CONTRIBUIÇÃO PARA UMA HISTÓRIA GLOBAL DA MÍSTICA

Paul Ricoeur's symbolic hermeneutics and his contribution to a Global History of Mysticism

Assis Daniel Gomes**

Resumo:

O propósito deste artigo é analisar a hermenêutica simbólica de Paul Ricoeur e a sua contribuição para uma História Global da Mística. Para isso, verificamos como o referido filósofo francês em suas obras, principalmente, na “Simbólica do Mal”, construiu uma hermenêutica do simbólico. Posteriormente, compreendemos a História da Mística mediante a perspectiva da História Global e da hermenêutica simbólica ricoeuriana. Nesse intuito, exemplificamos os caminhos propostos por meio de uma pequena reflexão sobre a mística destes carmelitas descalços: São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila. Enfim, edificar uma História Global da Mística através de seu pensamento se torna interessante, pois auxilia o seu entendimento enquanto simbólica, bem como em dadas narrativas históricas que conectam e entrelaçam saberes, vivências, temporalidades e espacialidades.

Palavras-chave: Simbólica. Hermenêutica. Ricoeur. Mística. História Global.

Abstract:

* Atualmente, bolsista de Desenvolvimento Científico Regional do CNPq - Nível C - e pesquisador UECE/FUNCAP/CNPq, coordenando o projeto de pesquisa “Por uma História Global: seca, conhecimento e gênero na literatura de Patativa do Assaré (Ceará, 1956-1994)”, financiado pelo CNPQ e Funcap (Processo: 305988/2024-7). Pós-doutor em História pelo Instituto de História Contemporânea da Universidade de Évora (Portugal), com instância de investigação no Instituto Ibero-americano da Universidade de Salamanca (Espanha). Doutor em História pela Universidade Federal do Ceará, mestre em História pela Universidade Federal do Ceará, especialista em História Contemporânea pela Faculdade de Juazeiro do Norte, especialista em Filosofia e Teoria do Direito pela PUC-Minas Gerais, especialista em Filosofia e Teoria Social pela Faculdade Alfa América, graduado em História pela Universidade Regional do Cariri, graduado em Filosofia pela Faculdade entre rios do Piauí e graduado em Teologia pela Uninter. Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras (UECE-FECLESC). Juazeiro do Norte, Ceará - Brasil. E- mail: zumeboletim@gmail.com.

In this article, we aim to analyze Paul Ricoeur's symbolic hermeneutics and his contribution to a Global History of Mysticism. For this, we verified how the aforementioned French philosopher in his work, especially in the “Symbolics of Evil”, built a hermeneutic of the symbolic. Subsequently, we understand the History of Mysticism through the perspective of global history and Ricoeurian symbolic hermeneutics. To this end, we exemplify the paths proposed through a short reflection on the mystique of these Discalced Carmelites: St. John of the Cross and St. Teresa of Avila. Finally, building a Global History of Mysticism through her thought becomes interesting, as it helps her understanding, as symbolic, in given historical narratives that connect and intertwine knowledge, experiences, temporalities and spatialities.

Keywords: Symbolic. Hermeneutics. Ricoeur. Mystical. Global History.

1 Introdução

Neste artigo, tencionamos analisar algumas possibilidades que a hermenêutica simbólica de Paul Ricoeur abre para se construir uma História Global da Mística. Por conseguinte, partimos dos questionamentos feitos pelo filósofo e padre jesuíta Henrique Cláudio de Lima Vaz sobre a experiência mística e as Ciências Humanas em seu livro “*Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*”¹. Para o referido autor, as Ciências Humanas, ao tratarem dessa temática, devem evitar o reducionismo. Para isso, propõe o seguinte: clarificar os suportes teóricos que fundamentam as ponderações sobre a mística, deixando aberto o campo para o diálogo conceitual com a Filosofia e a Teologia.

Por isso, procedemos metodologicamente como sugerido por Lima Vaz. Em primeiro lugar, elucidando o suporte filosófico-teológico que fundamenta esta proposta de uma História Global da Mística. Posteriormente, tratamos sobre a mística olhada por meio da História Global. Nesse fito, realizamos um diálogo profícuo com o campo de pesquisa da *História da Igreja Cristã* e da *Teologia Espiritual*. Dessa forma, atinamos que as experiências espirituais, objeto de investigação da História Global da Mística, estão imersas em dadas temporalidades, cujas subjetividades e objetividades

¹ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Experiência Mística e Filosofia da Tradição Ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000.

se mesclam. Isso nos faz pensar na “variedade da vida mística cristã e suas diversas ênfases”².

Portanto, escolhemos o pensamento de Paul Ricoeur, pois elaborou uma reflexão de temas filosóficos e teológicos, relacionando esses campos do saber. Isso promoveu um enriquecimento em sua teoria, particularmente, naquela que se debruça sobre os símbolos da tradição judaica-cristã e como eles marcam a vida daqueles(as) que incorporam a sua imagética-discursiva, bem como os seus sentidos existenciais ontem e hoje. Outra questão se refere às suas contribuições para o campo da *Teologia* e das *Ciências da Religião*. Segundo Jervolino³, ele se tornou um dos grandes expoentes da fenomenologia da religião ao lado de Rudolf Otto, Van der Gerardus van der Leeuw e Mircea Eliade.

2 A hermenêutica simbólica de Paul Ricoeur

Paul Ricoeur nasceu na cidade de Valença, França, em 1913, e desde os seus estudos secundários teve contato com o pensamento de Sigmund Freud e a Psicanálise, decidindo, outrossim, realizar uma graduação em Filosofia. Nos anos 1930 participou das “sextas-feiras filosóficas” organizadas por Gabriel Marcel. Essas experiências, fê-lo ultrapassar um tipo de prática filosófica produzida na Universidade de Sorbonne que era apartada da realidade social: “o socratismo cristão e a filosofia da existência de Marcel, que além disso o introduz também ao estudo de Jaspers, se torna um corretivo para o intelectualismo dos mestres da Sorbonne”⁴. Por exemplo, temos a sua militância eclesial protestante, a sua atuação na esquerda socialista e a sua inspiração no saber teológico de Karl Barth. Enfim, destacamos alguns elementos de sua trajetória acadêmica, pois nos auxiliam a entender os itinerários filosóficos que escolheu nas décadas de 1940 e 1950: caminhou por uma filosofia existencial (Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty), edificando uma fenomenologia da vontade, como também trilhou um percurso pela hermenêutica.

² BERNARD, Charles André. **Introdução à teologia espiritual**. São Paulo: Loyola, 1999, p.134.

³ JERVOLINO, Domenico. **Introdução a Ricoeur**. São Paulo: Paulus, 2011.

⁴ JERVOLINO, 2011, p.17.

Para Jervolino, a primeira obra que apontou o deslocamento de Paul Ricoeur para a hermenêutica foi *“Finitude et culpabilité”* (Finitude e culpabilidade) nos anos 1960. Nela aborda que para compreendermos o sentimento humano de culpa, carecemos olhar a linguagem mítico-simbólica⁵. Para ele, seria uma interpretação minuciosa dos símbolos, presentes nos mitos, que possibilitaria conhecer o ser humano: “Si ‘le symbole donne à penser’, ce que la symbolique du mal donne à penser concerne la grandeur et la limite de toute vision éthique du monde, car l’homme que cette symbolique révèle ne paraît pas moins victime que coupable” (“Se ‘o símbolo nos faz pensar’, o que o simbolismo do mal nos faz pensar diz respeito à grandeza e ao limite de qualquer visão ética do mundo, porque o homem que este simbolismo revela não parece menos vítima do que culpado”)⁶.

A questão simbólica foi analisada na *“Symbolique du mal”* (A simbólica do mal) em 1960. Dessa forma, continuou o percurso que tinha sido traçado por Wilhelm Dilthey e Martin Heidegger, por exemplo. Nessa parte, alargou sua reflexão sobre a mística realizada em sua obra *“Volontaire et l’Involontaire”* (Voluntário e involuntário), erigindo um projeto que agrupou uma reflexão sobre uma vontade empírica à mística⁷.

Por isso, dedicamo-nos a analisar esta obra, particularmente, a primeira parte que trata sobre os símbolos da cultura cristã ocidental: a impureza, o pecado e a culpa. Destacamos que a virada hermenêutica do referido filósofo nasceu da compreensão de que a reflexão filosófica partia da linguagem expressada nos símbolos e nos mitos. Nesse momento, publicou no ano de 1965 o livro *“Da interpretação: ensaios sobre Freud”* e em 1969 *“O conflito das interpretações”*.

Ricoeur elegeu como fulcral a noção de símbolo na obra *“Simbólica do Mal”*, enfatizando o conceito de interpretação em conformidade com o de símbolo⁸. Portanto, para ele, os símbolos são encontrados nos sonhos, nas hierofanias do sagrado e na linguagem poética, constituindo objetos para uma hermenêutica que restaura os sentidos mediante uma meditação. Nesse sentido, escolheu o caminho

⁵ JERVOLINO, 2011.

⁶ RICOEUR, Paul. **Finitude et culpabilité**: l’homme faillible. Paris: Aubier/Éditions Montaigne, 1960, p.17, tradução nossa.

⁷ RICOEUR, 1960.

⁸ JERVOLINO, 2011.

longo do filosofar, que se move pela linguagem e reflexão, e não o caminho curto seguido por Martin Heidegger, dentre outros filósofos, cujo direcionamento é sobre o problema do ser.

As críticas a uma filosofia do sujeito nos anos 1960, implementadas pelo pensamento estruturalista e pela Psicanálise, leva-o a pensar as categorias que fundamentam esse campo do filosofar e a contribuir para uma renovação metodológica das Ciências Humanas: as contestações “da Psicanálise e do estruturalismo, Ricoeur responde, pois, com uma concepção aberta e dinâmica da linguagem e do símbolo”⁹.

Em seu livro “*Da interpretação: ensaios sobre Freud*” (1965) realizou um diálogo com a Psicanálise, lendo a seu modo a teoria de Sigmund Freud e a forma que Jacques Lacan interpretou a teoria psicanalítica freudiana, incorporando, outrossim, as formas de análise de Georg Wilhelm Friedrich Hegel advinda da “*Fenomenologia do espírito*” e aprofundando a filosofia do simbólico.

Para ele, ter-se-iam símbolos autênticos possuidores de uma estrutura regressiva e prospectiva, em que se mergulha no passado em busca de sentido e produz novas maneiras de compreensão a partir do processo de emersão. Para Jervolino, “o símbolo representa numa unidade concreta aquilo que a reflexão dissocia nas interpretações rivais e que recompõe no fim do seu itinerário hermenêutico, numa espécie de *docta fides*, na escuta da linguagem”¹⁰.

Segundo Ricoeur, a linguagem é composta pelos sinais e discursos, sendo necessário articular o signo e as formas que os compreendemos a fim de reinterpretar o projeto fenomenológico e repensar a importância do conceito de subjetividade por meio de uma perspectiva hermenêutica. Dessa forma, reconhecer a diferença é realizar o seu oposto: identificar as referências: “A função simbólica comporta a capacidade de submeter a uma regra todo intercâmbio inter-humano”¹¹, como também

⁹ JERVOLINO, 2011, p.46.

¹⁰ JERVOLINO, 2011, p.45.

¹¹ JERVOLINO, 2011, p.48.

o “intercâmbio dos sinais (é a verdade da aproximação estrutural), mas é ainda mais a capacidade de atualizar essa regra num acontecimento”¹².

A sua reflexão sobre o mal se faz por meio de dois elementos: 1 - usou uma antropologia do agir; 2 - promoveu as ponderações sobre a natureza da vontade humana. Dessa forma, a sua visibilidade não se dá mediante uma comprovação visual, mas se torna presente no cotidiano das pessoas por meio de uma narrativa que conecta os sentidos e acontecimentos. Assim, dos símbolos que a contém promovem o ato de refletir e uma filosofia da vontade: os mitos enquanto narrativas simbólicas podem provocar o filosofar. Na antiguidade greco-romana temos o uso do mito como recurso explicativo, por sua vez, no mundo moderno e contemporâneo essa aplicabilidade foi perdida e o mito incorporou a sua função simbólica, principalmente, vinculada à tradição judaica-cristã. Portanto, ele adquiriu o poder “de descobrir, de desvelar o elo entre o homem e o seu sagrado”¹³.

Entretanto, criou-se uma propensão de valorizar os mitos ligados ao começo e o fim do mundo expressos pelos escritos testamentários, como Gênesis e Apocalipse. Essas narrativas se fizeram para abordar o tema do mal e como ele está presente na vida humana, por exemplo, com o rompimento entre Deus e humanidade devido ao pecado original narrado na Bíblia. Essa crise promoveu um tipo de discurso de pretensões universais e totalizantes, mas marcado pelas experiências e redes de sentido presentes nas relações entre os seres humanos e o sagrado, os grupos sociais e a natureza que o manifesta. Para Ricoeur, “o mito volta a inserir a experiência do homem num todo que recebe orientação e sentido da narrativa”¹⁴. Dessa forma, “se exerce através do mito uma compreensão da realidade humana na totalidade, por meio de uma reminiscência e de uma expectativa”¹⁵.

O segundo Adão, Jesus Cristo, segundo Ricoeur, ressignifica a narrativa do primeiro Adão, presente nos escritos do *Gênesis*, dando-lhe uma historicidade atrelada à ressignificação que São Paulo fez sobre o símbolo adâmico para edificar um pensamento fundado nos ensinamentos de Jesus Cristo e orientar as primeiras

¹² JERVOLINO, 2011, p.48.

¹³ RICOEUR, Paul. **A Simbólica do Mal**. Lisboa: Edições 70, 2013, p.22.

¹⁴ RICOEUR, 2013, p.22.

¹⁵ RICOEUR, 2013, p.22.

comunidades de cristãos (1Cor 15,47)¹⁶. A partir disso, o referido autor destaca que se deve estar atento e usar este recurso metodológico: olhar as repetições das experiências pontuadas pelos mitos em sua dimensão simbólica como um dos passos da hermenêutica. Nesse sentido, o retorno à linguagem das confissões presente nos mitos e professada na comunidade, ou a um guia espiritual, possui três elementos que podemos detectar em suas estruturas: cegueira, escândalo e equivocidade¹⁷.

A linguagem que professamos se faz através das emoções, das experiências vivenciadas e cortadas pela forma como compreendemos e sentimos o mundo ao nosso redor. Destarte, as experiências são cegas. Consoante Ricoeur, elas são interiorizadas e individualizadas, como o sentimento de culpabilidade, de pecado e de mancha. As experiências são movidas pelos sentimentos, sendo eles cegos, no sentido que durante a sua realização não fazemos uma análise racional, mas intuitivamente e por meio das emoções: as várias significações que o compõem precisa que o pesquisador utilize da linguagem para esclarecer “as crise subterrâneas da consciência de culpa”¹⁸.

Essa linguagem se manifesta quando reconstituímos uma experiência da falta. Essa linguagem da falta é indireta e imagética. Por isso, deve-se compreender também o círculo da confissão, da especulação e do mito mediante à interpretação da experiência viva, que é abstrata e mediata: “ela não pode ser dita a não ser mediante os simbolismos primários que preparam a sua retoma no mito e na especulação”¹⁹.

Para Ricoeur, o esclarecimento da criteriologia do símbolo é importante. Isso se faz mediante uma análise dos símbolos da mancha, do desvio, dentre outros, pertencentes à tradição religiosa judaica-cristã. Assim, estas dimensões do símbolo estão presentes em qualquer cultura que as use: cósmica, onírica e poética. Para ele, o simbolismo remete à manifestação do sagrado e está presente nas hierofanias: “ser símbolo é reunir num mesmo núcleo de presença uma massa de intenções significativas que, antes de darem que pensar, dão que falar; a manifestação simbólica

¹⁶ BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985.

¹⁷ RICOEUR, 2013.

¹⁸ RICOEUR, 2013, p.24.

¹⁹ RICOEUR, 2013, p.26.

como coisa é uma matriz de significações simbólicas como palavras”²⁰. Dessa forma, Paul Ricoeur considera os símbolos como uma coisa, vendo-os imersos em uma potência: as ligações entre vários símbolos constituem múltiplos sentidos sobre as manifestações e as experiências²¹.

3 História Global da Mística

Para Conrad, a História Global é um campo de pesquisa recente. Os interesses pelos processos globais, depois de 1945, favoreceram a sua construção, como também a convicção de que os métodos utilizados pelos historiadores eram inadequados, sendo preciso levar em conta as redes e os entrelaçamentos internacionais. Propõe, assim, combater uma metodologia de cunho nacionalista e eurocêntrico, bem como os conceitos universalizantes que não auxiliam na compreensão das particularidades dos objetos de investigação do historiador. Segundo o referido autor, a História Global “é uma forma de análise histórica que situa os fenômenos, os eventos e os processos em contextos globais”²².

Dessa forma, consideramos a História Global, fundada pelo conceito de integração, como um importante caminho para se pensar as experiências místicas. Nesse sentido, o global não é a totalidade, considera-se que o local também é global, entendendo, assim, a História Global como uma perspectiva, um objeto e uma metodologia: “o objetivo não é o de escrever a história integral do planeta. É antes a procura de um modo de escrever história sobre espaços demarcados (ou seja, não “globais”), mas com a consciência da existência de conexões e de condições estruturais ao nível global”²³.

Nesse sentido, a hermenêutica simbólica de Paul Ricoeur pode auxiliar na construção da História da Mística a partir de uma perspectiva global. A hermenêutica enquanto uma teoria da interpretação investiga os símbolos, olha também metodologicamente a existência humana, suas relações com o mundo e consigo. A

²⁰ RICOEUR, 2013, p.27.

²¹ RICOEUR, 2013.

²² CONRAD, Sebastian. **O que é a História Global?** Edições 70: Lisboa, 2019, p.16.

²³ CONRAD, 2019, p.24.

simbólica de Paul Ricoeur nada mais é que uma filosofia da práxis ética e política que narra as experiências humanas por meio dos símbolos, vistos, por sua vez, como dinâmicos e múltiplos. Haja vista que eles realizam essas conexões e são fontes importantes para se verificar essas estruturas integrativas do local e global. Olhar esses elementos apreciando as práticas e os saberes místicos é desmontar lugares definidos e compreendê-los por meio de uma narrativa histórica do simbólico²⁴.

A mística, como substantivo, é uma criação francesa do século XVII, como apontou Michel de Certeau²⁵. Essa mudança de categoria demonstra também a forma como os místicos refletiram as suas vivências e misturaram os recursos intelectuais que possuíam para expor de uma forma clara as suas experiências espirituais. Nesse intuito, mesclaram o saber teológico e filosófico, um olhar psicológico e comparativista da época. Tais particularidades sinalizam que não podemos enquadrar as narrativas místicas em um gênero específico, pois a sua complexidade e as ligações tecidas por seus atores sociais se fizeram para entender a complexidade do processo. Dessa forma, o uso dos símbolos fora significativo para agregar e particularizar alguns olhares.

Pensamos com Paul Ricoeur uma História Global da Mística através dos estudos de uma simbólica, cuja narrativa histórica a torna viva por meio dos símbolos, configurando-a mediante as experiências místicas e as ações realizadas no mundo. Essas experiências são associadas aos elementos de concretude carregados de significado e simbolismo, objetividade e subjetividade, memórias e uma circularidade cultural alimentada por ensinamentos teológicos, bíblicos e filosóficos. Por exemplo, as experiências místicas e o projeto de reforma religiosa de Santa Teresa de Ávila (1515-1582) e São João da Cruz(1542-1591), ambos pertencentes à Ordem dos Carmelitas Descalços. Eles criaram símbolos, visuais e textuais, que se repetiam a fim de propagar uma nova roupagem da espiritualidade carmelitana. João da Cruz continuou a reforma teresiana e sua escrita mística misturava Filosofia, Teologia, Sagrada Escritura, poesia e símbolos. Nela podemos ver as relações e conexões até

²⁴ MCGINN, Bernard. **As fundações da mítica**: das origens ao século V. São Paulo: Paulus, 2012.

²⁵ CERTEAU, Michel. **A Fábula Mística**: os séculos XVI e XVII. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

mesmo com outras culturas religiosas que teve contato quando andava em missão, por exemplo, alguns de seus biógrafos apontam a religiosidade islâmica²⁶.

A História Global da Mística nos permite realizar relações e conexões²⁷, manejando redes diversas, uma escala micro e macro, e construindo outros significados que destoam com uma abordagem tradicional que se faz da História da Mística, muitas vezes de teor cronológico, acontecimental e que desaba na chamada por Pierre Bourdieu de uma “ilusão biográfica”²⁸, bem comum nas narrativas hagiográficas.

Isto posto, ponderar sobre tais redes mediante a espiritualidade desenvolvida em determinado momento histórico e sua reformulação ao longo das experiências místicas e humanas é um caminho a ser feito. Nessa tentativa de reinvenção das experiências se precisa recriar alguns símbolos que as fundamentam, haja vista que suas leituras são fundamentais para a permanência e manutenção das concepções provindas da vivência pessoal e coletiva com o sagrado. Paul Ricoeur destaca que verificar as repetições dos símbolos e daquilo que os sustentam tem um motivo: esse reforço provém de uma escolha e de uma forma de expor uma narrativa²⁹. Os símbolos são manejados nesse intuito de tecer um discurso que se vivifica na existência daqueles(as) que a escutam e interiorizam, dando-lhes interpretações variadas, mas também conectadas com traços simbólicos comuns que os ligam a um grupo social.

A linguagem simbólica, destarte, torna-se fulcral para a transmissão de uma mística e sua reconstrução, quando padece de sentido. Por exemplo, os ensinamentos cristãos transmitidos na infância são mais fortes, pois são carregados

²⁶ Para Gama, “o conceito ou desenvolvimento da noite escura é uma das contribuições mais originais da obra de S. João da Cruz. Hoje muitos especialistas se preocupam com a influência da mística islâmica (sufi) na obra de SJC”. GAMA, Renato C. Introdução à teologia mística de São João da Cruz. **Agnes**, São Paulo, n.6, 2007, p.91.

²⁷ LEVI, Giovanni. Micro-história e História global. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre (org). **Micro-história, método em transformação**. São Paulo: Letras e Voz, 2020, p.19-34.

²⁸ Para Bourdieu, “é relevante que o abandono da estrutura do romance como narrativa linear tenha coincido com o questionamento da ideia da vida como uma existência dotada de sentido, com dupla acepção de significado e direção [...] A invenção de um novo modo de expressão literária revela, ao contrário, a arbitrariedade da representação tradicional do discurso romanesco como uma história coerente e totalizante, e a filosofia da existência que essa convenção retórica implica”. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 185.

²⁹ RICOEUR, 2013.

pelo simbólico e incorporados na praticidade de quem os recebe. Essas práticas sociais movidas pelos símbolos são compreendidas intuitivamente e, posteriormente, faz-se uma reflexão para construir uma consciência, ou maturidade, nos processos de preparação para os rituais cristãos.

Nesse viés, a linguagem simbólica se torna didática e aberta a intervenção em prol de transmitir os ensinamentos almejados. Realizar uma narrativa histórica simbólica da mística, em uma perspectiva global, é verificar as redes de significado que se construíram na relação entre as similitudes da espiritualidade, o que a singulariza em relação às outras e os embates de sua construção (quem definiu, para que, com que motivo, utilizando que símbolos e elementos definidores, quais as relações de força e de poder que foram manejados, dentre outras questões), como também as aberturas que favorecem as suas releituras e ressignificações em espacialidades e temporalidades variadas, próximas e/ou distantes uma da outra.

Essa encarnação da mística através do símbolo, torna-a incontrolável e subversiva a um controle normativo que define como único e verdadeiro, *ad eternum*, determinados elementos da espiritualidade. Apesar de possuírem traços em comum, as possibilidades do novo emergem na forma como esses símbolos são montados e desmontados, encenados e performatizados, bricolados e tecidos, apresentados e representados, presentes e ausentes no cenário histórico, cultural e religioso de cada comunidade de fé.

Por exemplo, o ideal de pobreza praticado por São Francisco de Assis e os seus seguidores na Itália do século XIII³⁰, foi ressignificado por alguns místicos e reformadores durante o século XVI. Por exemplo, os reformadores do carmelito na Espanha que destacamos acima. Os símbolos dessa imagem perpassavam as vestimentas, a forma como se comportavam e os sinais que demonstravam o desapego do mundo. Destacamos este escrito de Teresa de Ávila: “de todos os modos queiramos ser pobres: na casa, nas roupas, nas palavras e muito mais no

³⁰ Para McGinn, “muito se escreveu sobre o primeiro século da história franciscana, e especialmente a respeito dos debates sobre a pobreza. [...] Semelhantes tensões entre ideais e realidade marcaram todas as tentativas institucionais de viver o Evangelho. O aspecto único do debate franciscano foi o modo como ele (Francisco de Assis) centrou-se na importância da “Dama Pobreza” (Domina Paupertas)”. MCGINN, Bernard. **O florescimento da mística: homens e mulheres da nova mística (1200-1350)**. São Paulo: Paulus, 2017, p.117-118.

pensamento. Enquanto isto fizerdes, não tenhais medo, com o favor de Deus não haverá decadência na perfeição desta casa”³¹.

A linguagem simbólica de Teresa de Ávila se fez por expressões que demarcavam as suas experiências espirituais. Essas narrativas, repletas de constantes simbologias, demonstravam a sua intimidade com Deus e sua aproximação com o leitor que ansiava vivenciar essa relação. Para isso, as repetições de expressões-chave de impacto espiritual, a tentativa de imitar esses caminhos, usando dos recursos simbólicos, e trilhar por essas moradas para vivenciar esse encontro com Deus, que causa êxtase e preenche aquele(a) que foi amado pelo Amor, foram recursos usados por essa mística: “consideramos agora como este castelo tem muitos aposentos ou moradas: umas no alto, outras embaixo, outras dos lados. No centro, no meio de todas está a principal, onde se passam as coisas mais secretas entre Deus e alma”³².

Seguindo a reforma carmelita, iniciada por Teresa de Ávila, João da Cruz contribuiu para subverter um modelo de espiritualidade que não respondia às necessidades de seu tempo. Edificando, para isso, uma metodologia do itinerário espiritual, uma antropologia mística e simbólica do homem e de seu encontro com Deus. Isso se fez associado a “uma doutrina firme das virtudes teologais e com uma descrição insuperável dos estados de união com Deus”³³.

Em sua obra “*Subida do monte Carmelo*” destacou que ela foi feita pensando em seus irmãos e irmãs do carmelito, principalmente, “algumas pessoas da Nossa Santa Ordem dos Primitivos do Monte Carmelo”³⁴. Esse direcionamento se fazia no intuito de formar e convencer alguns carmelitanos que seguiam um modo de vida que Teresa e João criticavam. Era preciso convencê-los a aderir a uma nova prática espiritual, pregada pelos referidos místicos, para que a reforma religiosa na Ordem dos Carmelitas conseguisse alcançar êxito. Além disso, havia aqueles que pediam maiores esclarecimentos daquilo que João da Cruz ensinava. Essa sistematização foi

³¹ JESUS, Santa Teresa de. **Caminho de perfeição**. São Paulo: Paulus, 2017a, p.25.

³² JESUS, Santa Teresa de. **Castelo Interior ou moradas**. São Paulo: Paulus, 2017b, p.20.

³³ BERNARD, 1999, p.118.

³⁴ CRUZ, São João. A subida do monte carmelito. In: CRUZ, São João. **Obras de São João da Cruz: a subida do monte carmelito; noite escura; cautelas**. Petrópolis: Vozes, 1960, p.24.

feita de uma forma didática por ele, manejando, para isso, os símbolos carmelitanos que pudessem favorecer o entendimento de sua teologia mística. A recomendação desse texto para esses frades, monges e monjas carmelitas se fez levando em consideração que possuíam os saberes sobre a espiritualidade e os símbolos fundamentais para o seu entendimento: “como já se acham desapegados das coisas do mundo, compreenderão melhor a doutrina da desnudez do espírito”³⁵. Destacamos em seguida a sua Canção I: “Em uma noite escura,/De, amor em vivas, ânsias inflamada,/Oh! ditosa ventura./Saí sem ser notada/ Já minha casa estando sossegada”³⁶.

O símbolo “perfeição da alma”, para o referido místico, era um percurso que deveria ser realizado por aqueles(as) que desejavam purificar as suas almas enfrentando as “noites” - outro símbolo usado na teologia mística de João da Cruz. Essa via possuía estágios que simbolizavam subir as escadas em direção ao objetivo almejado: tem-se, primeiramente, a purificação na região sensitiva da alma, depois as faculdades espirituais e, por fim, a purificação passiva³⁷. Nesse processo, aquele, ou aquela, padecia por momentos de *secura*. Este símbolo “*secura*” significava um estágio em que o homem se conhecia e compreendia que por mais que não conseguisse sentir a presença de Deus, ele estava próximo. O processo de purificação e as noites de sentido costumam ser mais longas que a *secura*, dando assim um alívio aquele(a) que anseia encontrar com Deus³⁸.

Isso se fez também como uma forma de compreender as críticas feitas por Martinho Lutero e João Calvino, como também reformar internamente a Igreja Católica. Teresa de Ávila em seus escritos apontou as suas conexões com o mundo fora da Espanha e do Carmelo, que impactava a sua forma de ser religiosa e a impulsionava nesse desejo reformador: “tive notícias dos prejuízos e estrago que faziam os luteranos na França, e o quanto ia crescendo desventurada seita”³⁹. Além disso, as experiências de seus contemporâneos e dos antigos fundadores das

³⁵ CRUZ, 1960, p.24.

³⁶ CRUZ, 1960, p.27.

³⁷ CRUZ, 1960.

³⁸ CRUZ, São João. Noite escura. In: CRUZ, São João. **Obras de São João da Cruz**: a subida do monte carmelito; noite escura; cautelas. Petrópolis: Vozes, 1960.

³⁹ JESUS, 2017a, p.19.

comunidades religiosas foram usadas em tal fito. Essas relações e conexões fortaleceram e tornaram visível a reforma teresiana, bem como a sua mística na Espanha e para além de suas fronteiras.

Portanto, ao se ligar a esse movimento global de reforma interna da Igreja Católica vivificou a reforma local e conseguiu apoio para se proteger contra a perseguição de grupos católicos que esbarravam esse projeto: “Quantas presas arrebatadas ao demônio por são Domingos, são Francisco e outros fundadores de ordens, como ainda hoje pelo padre Inácio, que fundou a Companhia. Todos esses recebiam evidentemente de Deus semelhantes mercês, como se conta em suas vidas”⁴⁰.

4 Considerações finais

Construir uma História Global da Mística mediante às contribuições da hermenêutica de Paul Ricoeur é considerar as singularidades da simbólica construída pelos místicos, dos signos e sinais utilizados em seu tempo para transmitir determinadas mensagens ligadas à doutrina, às teologias ou à religiosidade popular. Dessa forma, nessa perspectiva, verificamos essas várias temporalidades e espacialidades que a compunham: uma circularidade cultural e religiosa que misturava um conhecimento mais intelectualizado a um mais prático. Entretanto, esse entrelaçamento não se fez mediante uma hierarquização de saber, mas por meio de uma prática religiosa alicerçada na experiência mística. Portanto, os escritos de Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz são um exemplo desses trânsitos globais, em que o local se tornou universal e o universal se tornou local, encarnados pelas suas experiências espirituais presentes em sua escrita simbólica da mística.

Referências

BERNARD, Charles André. **Introdução à teologia espiritual**. São Paulo: Loyola, 1999.

⁴⁰ JESUS, 2017b, p.126.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina; PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985.

CERTEAU, Michel. **A Fábula Mística: Os séculos XVI e XVII**. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CRUZ, São João. **Obras de São João da Cruz: a subida do monte carmelo; noite escura; cautelas**. Petrópolis: Vozes, 1960.

CRUZ, São João. **Obras de São João da Cruz: Cântico espiritual; Chama viva de amor**. Petrópolis: Vozes, 1960.

GAMA, Renato C. Introdução à teologia mística de São João da Cruz. **Agnes**, São Paulo, n.6, p.87-144, 2007.

GOMES, Assis Daniel. Aos sons dos benditos: uma liturgia da saída e do encontro. **Tear online** - Liturgia em revista, v. 6, p. 79-89, 2017.

GOMES, Assis Daniel; RAMOS, V. L. **Ecumenismo e diálogo inter-religioso**. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2022.

GOMES, Assis Daniel; LOPES, K. F. P. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi, 2021.

GOMES, Assis Daniel. Patrimônio, mística e arte sacra: a invenção de um cânone artístico em Juazeiro do Norte, p. 91-106. In: SILVA, Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da (Org.). **História dos Sertões: Artes e Patrimônios**. Aracaju: Criação Editora, 2023.

GOMES, Assis Daniel. “Amizade social e cuidado”: a casa comum e a defesa de uma justiça social pelo Papa Francisco, p. 101-124. In: Red Latinoamericana de Economía de Francisco. (Org.). **Artículos presentados en el primer Congreso Internacional de la Economía de Francisco en América Latina y el Caribe**. Beccar (Argentina): Poliedro Editorial de la Universidad de San Isidro, 2022.

JERVOLINO, Domenico. **Introdução a Ricoeur**. São Paulo: Paulus, 2011.

JESUS, Santa Teresa de. **Caminho de perfeição**. São Paulo: Paulus, 2017a.

JESUS, Santa Teresa de. **Castelo Interior ou moradas**. São Paulo: Paulus, 2017b.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Experiência Mística e Filosofia da Tradição Ocidental**. São Paulo: Loyola, 2000.

LEVI, Giovanni. Micro-história e História global, p.19-34. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre (org). **Micro-história, método em transformação**. São Paulo: Letras e Voz, 2020.

MCGINN, Bernard. **As fundações da mítica**: das origens ao século V. São Paulo: Paulus, 2012.

MCGINN, Bernard. **O florescimento da mística**: homens e mulheres da nova mística (1200-1350). São Paulo: Paulus, 2017.

RICOEUR, Paul. **Finitude et culpabilité**: l'homme faillible. Paris: Aubier/Éditions Montaigne, 1960.

RICOEUR, Paul. **Finitude et culpabilité**: La symbolique du mal. Paris: Aubier/Éditions Montaigne, 1960.

RICOEUR, Paul. **A Simbólica do Mal**. Lisboa: Edições 70, 2013.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

RICOEUR, Paul. **Da interpretação**: Ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.